

Capítulo 8:

Lógica como Pessoal

Vern Sheridan Poythress

Muitos agnósticos e ateístas podem a esta altura se sentir desconfortáveis com o caráter das leis lógicas. Parece que as leis da lógica estão começando a se parecer suspeitosamente com a ideia bíblica de Deus. A fuga mais óbvia é negar que a lógica seja pessoal. Ela está simplesmente “aí” como algo impessoal.

Lógica e racionalidade

Na verdade, um olhar mais atento sobre a lógica mostra que essa rota de fuga não é realmente plausível. Na prática todos os seres humanos creem que a lógica expressa racionalidade. Essa racionalidade na lógica está acessível ao entendimento humano. A racionalidade é um *sine qua non* para a lógica. Mas, como sabemos, a racionalidade pertence a pessoas, não a rochas, árvores, e criaturas subpessoais.¹ Se a lógica é racional, o que assumimos ser, então ela também é pessoal.

Quando refletimos sobre lógica, devemos assumir também que as leis da lógica podem ser articuladas, expressas, comunicadas e entendidas por meio da linguagem humana. Na prática o raciocínio lógico inclui não somente o pensamento racional, mas também a capacidade de comunicação simbólica. Ora, o original, as leis da lógica “lá fora”, não são conhecidas por serem escritas ou expressas em alguma linguagem humana particular. Mas elas devem ser expressáveis em linguagem em nossa descrição secundária. Elas devem ser traduzíveis não somente para uma, mas para muitas linguagens humanas. Podemos expressar definições e contextos para uma lei da lógica por meio de cláusulas,

¹ As verdades sobre rochas e leis governando rochas são racionais e pessoais, pois verdade e lei originam-se em Deus. Mas uma rocha ou uma planta não têm uma *subjetividade* pessoal.

frases, parágrafos explicativos e explicações contextuais em linguagem humana.

As leis da lógica são claramente como a expressão humana em sua capacidade de ser gramaticalmente articulada, parafraseada, traduzida e ilustrada. Lógica é semelhante à expressão e linguagem. E a complexidade das expressões que encontramos entre os logicistas, bem como entre seres humanos em geral, não é duplicada no mundo animal.² A linguagem é uma das características definidoras que separa o homem dos animais. A linguagem, como a racionalidade, pertence à pessoa. Segue-se que a lógica é em essência pessoal.

Estamos divinizando a natureza?

Mas agora devemos considerar uma objeção. Ao alegar que as leis da lógica têm atributos divinos, estamos divinizando a natureza? Isto é, estamos pegando algo do mundo criado, e alegando falsamente que é divino? A lógica é uma parte do mundo criado? Não deveríamos classificá-la como criatura, em vez de Criador?³

Mas já observamos que a lógica parece ser independente do mundo. Não podemos imaginar um mundo no qual a lógica não vigore. Esse fato mostra que estamos nos deparando com uma realidade transcendental.

Em adição, lembremos que estamos falando da lógica como ela realmente é, não meramente nossas suposições e aproximações humanas. A lógica nesse sentido é um aspecto da mente de Deus. Todos os atributos de Deus irão, portanto, ser manifestos nas leis reais da lógica, em distinção das nossas aproximações humanas a elas.⁴

² Animais imitam certos aspectos limitados da linguagem humana. E chimpanzés podem ser ensinados a responder a símbolos com significado. Mas isso ainda está muito longe da gramática e significado complexo da linguagem humana. Veja, e.g., Stephen R. Anderson, *Doctor Dolittle's Delusion: Animals and the Uniqueness of Human Language* (New Haven, CT: Yale University Press, 2004).

³ Em conformidade com a Bíblia (especialmente Gênesis 1), mantemos que Deus e o mundo criado são distintos. Deus não deve ser identificado com a criação ou qualquer parte dela, nem é a criação uma "parte" de Deus. A Bíblia repudia todas as formas de panteísmo e panenteísmo.

⁴ Algo similar a esse argumento pode ser encontrado em James N. Anderson e Greg Welty, "The Lord of Non-Contradiction: An Argument for God from Logic", *Philosophia Christi* 13:2 (2011): 321–338. Mas parece-me que este artigo não leva em conta a presença da analogia e a distinção Criador-criatura no raciocínio lógico sobre Deus (veja o capítulo 24 deste livro).

Lógica e Trindade

A ideia chave de que a lógica é divina não é apenas anterior ao surgimento da ciência moderna; ela é anterior ao surgimento do cristianismo. Mesmo antes da vinda de Cristo, as pessoas observaram profunda regularidade no governo do mundo, e lutaram com o significado dessa regularidade. Tanto gregos (especialmente os estoicos) quanto judeus (especialmente Filo) desenvolveram especulações sobre o *logos*, a “palavra” ou “razão” divina por detrás do que era observado.⁵ Em adição os judeus tinham o Antigo Testamento, que revelam o papel da Palavra de Deus na criação e providência. Os Targuns judaicos, transcrições aramaicas do Antigo Testamento, algumas vezes emprega “Palavra” para traduzir o Tetragrama, o nome próprio de Deus.⁶ Com esse pano de fundo, João 1.1 proclama: “No princípio era o Verbo [Palavra], e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. João responde às especulações do seu tempo com uma revelação surpreendente: que a Palavra (*logos*) que criou e sustenta o universo não é apenas uma pessoa divina “com Deus”, mas é o próprio Deus que se encarnou: “o Verbo se fez carne” (João 1.14).

A palavra lógica vem do grego *logike*, que está intimamente relacionada com a palavra grega *logos*. *Logos* no grego tem vários significados, incluindo *razão*, *lei*, *palavra*, *discurso*, *declaração*. O significado “razão” explica o porquê o estudo do raciocínio passou a ser chamado *lógica*. Os significados relacionados com comunicação e discurso são mais pertinentes para o entendimento da palavra *logos* em João 1.1. Em João 1.1 a frase “no princípio” alude a Gênesis 1.1. E João 1.3 diz explicitamente que “todas as coisas foram feitas por intermédio dele”, aludindo às obras da criação divina em Gênesis 1. Notavelmente, em Gênesis 1 Deus cria as coisas falando:

⁵ Veja “Word” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. Geoffrey W. Bromiley et al., rev. ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), 4:1103–1107, e a literatura associada.

⁶ Veja John Ronning, *The Jewish Targums and John’s Logos Theology* (Peabody, MA: Hendrickson, 2010). Os Targuns foram submetidos à forma escrita posteriormente ao tempo quando o Evangelho de João foi escrito, mas eles representam a tradição oral que remonta ao primeiro século d.C. e até mesmo antes.

Disse Deus: Haja luz; e houve luz. (Gn 1.3)

E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas... (Gn 1.6-7)

Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez. (Gn 1.9)

João 1.1-3, remontando a Gênesis 1, indica que os discursos particulares de Deus em Gênesis 1 têm uma relação orgânica com uma realidade mais profunda em Deus mesmo. Os discursos particulares derivam daquele que é unicamente a Palavra, que é o discurso eterno de Deus. Deus tem um falar eterno, a saber, a Palavra que estava com Deus e era Deus. Então ele tem também um falar particular nos atos da criação em Gênesis 1. Esse falar particular harmoniza-se com e expressa o seu falar eterno.

Deus não somente criou o mundo falando; ele também sustenta o mundo pela sua palavra. Tudo quanto acontece só ocorre porque Deus assim especifica em seu discurso poderoso:

Quem é aquele que *diz*, e assim acontece, quando o Senhor o não *mande*? Porventura da *boca* do Altíssimo não sai o mal e o bem? (Lm 3.37-38, ARC)

Embora João 1.1-3 tenha o foco no discurso, e não na razão, as duas ideias estão intimamente relacionadas. João estava indubitavelmente ciente das especulações gregas, tais como aquelas dos estoicos e de Filo, sobre uma “razão” transcendente que explicava as regularidades do mundo. João está fornecendo uma réplica divinamente inspirada a essas especulações.

Além disso, em Gênesis 1 o discurso de Deus é um discurso racional. Ao falar ele traz ordem a uma desordem (Gn 1.2). Ele nomeia e distingue coisas particulares, oferecendo uma base para um tipo de ordem lógica nos dias da criação, de

acordo com a qual os atos posteriores da criação são baseados sobre os anteriores. Por exemplo, quando Deus faz os luzeiros celestiais “no firmamento” no quarto dia (Gn 1.14), ele se baseia no fato que o próprio firmamento foi criado no segundo dia (Gn 1.6,8), e que ele fez a luz no primeiro dia (Gn 1.3-5). Os seres viventes nas águas no quinto dia dependem das águas que foram separadas no terceiro dia (Gn 1.10). As criaturas terrestres no sexto dia dependem da terra seca e da vegetação criadas no terceiro dia.

Assim, lógica ou razão é um aspecto do discurso de Deus. Podemos ver que isso é verdade quando Deus criou o mundo em Gênesis 1. Seu discurso inclui auto-consistência e racionalidade lógica. A mesma verdade se aplica supremamente à eterna Palavra de Deus que é Deus. Essa Palavra eterna é o discurso eterno de Deus. Ele é também, portanto, a eterna lógica ou razão de Deus, como um aspecto do discurso de Deus.

Lógica, dissemos, é pessoal. Agora fica mais evidente o porquê ela é pessoal. Ela não é apenas pessoal, mas uma pessoa, a saber, a Palavra de Deus. Mas deveríamos ser cuidadosos em destacar o fato que essa pessoa, a segunda pessoa da Trindade, é muito mais rica que nossas concepções humanas, quer de lógica ou de razão ou de linguagem como um todo. Ele é infinito, uma pessoa infinita, com toda a riqueza de Deus mesmo: “pois nele [Cristo] habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9). Assim, lógica num sentido estrito foca-se somente em um aspecto de quem Deus é.

Além disso, Deus o Pai, Deus o Filho, e Deus o Espírito Santo são todos *lógicos* no sentido de serem consistentes com quem eles são. A habitação mútua das pessoas da Trindade garante a coerência entre as pessoas. O Pai e o Filho glorificam a Palavra.

Para Reflexão Adicional

1. Qual é o papel do discurso de Deus na criação e no governo providencial sobre o mundo?
2. Qual é a relação entre o discurso de Deus registrado em Gênesis 1 e o que é dito sobre a Palavra de Deus em João 1.1-3?
3. Estude a relação entre Cristo e a sabedoria de Deus em Colossenses 2.2-3 e 1 Coríntios 1.30. Estude o papel de Cristo na criação de acordo com Colossenses 1.15-17; 1 Coríntios 8.6; João 1.1-3; e compare com Provérbios 8.22-31. Como essas passagens suplementam o que dissemos sobre Deus e a criação?
4. À luz de Gênesis 1 e João 1.1-3, o que podemos dizer sobre a relação da lógica com Deus?
5. Como a ideia de que Cristo é o Logos de Deus poderia ser abusada por pessoas que tentam rebaixar Deus ao nível do entendimento limitado delas sobre Deus?

Fonte: *Logic: A God-Centered Approach to the Foundation of Western Thought*, de Vern Sheridan Poythress, p. 68-72. Livro publicado pela Crossway em 2013.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto (maio/2013)